

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
CENTRO DE ARTES  
NÚCLEO DE ARTES CÊNICAS  
CURSO DE TEATRO-LICENCIATURA



Trabalho de Conclusão de Curso

**COMO JOGAR?**  
**REFLEXÕES SOBRE UMA INEXPERIENTE EXPERIÊNCIA**

Lucia Elaine Carvalho Berndt

Pelotas

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
CENTRO DE ARTES  
NÚCLEO DE ARTES CÊNICAS  
CURSO DE TEATRO-LICENCIATURA

Trabalho de Conclusão de Curso

**COMO JOGAR?**  
**REFLEXÕES SOBRE UMA INEXPERIENTE EXPERIÊNCIA**

Graduanda: Lucia Elaine Carvalho Berndt

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Taís Ferreira

Pelotas

2011

## AVALIADORES

---

Maria Amélia Gimmler Neto

---

Taís Ferreira (orientadora)

Dedico este trabalho aos meus amores, minha filha Louise e meu esposo Marcelo e também a todos meus parentes, amigos e conhecidos, que de uma forma ou de outra me auxiliaram e me apoiaram, acreditando que seria possível.

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer em primeiro lugar à Universidade Federal de Pelotas – UFPel pela oportunidade que me deu de voltar a estudar. A Comissão de Estudos para a criação, em 2008, do Curso de Teatro – Licenciatura: Ana Lúcia Costa de Oliveira; Álvaro Luiz Moreira Hypólito; Armando de Oliveira Cruz; Carmen Lúcia Abadie Biasoli; Fabiane Tejada da Silveira e Úrsula Rosa da Silva e a todos os professores que estão desde o início apoiando incondicionalmente a primeira turma do curso.

Quero agradecer a minha orientadora Taís Ferreira, o qual passei momentos importantes e, porque não dizer emocionantes ao seu lado, quando saímos juntas para contribuir e aprender com os projetos e jornadas da universidade. Percebi que temos características em comuns, das quais destaco a sinceridade, por lutar e não nos deixarmos levar por pessoas ou situações adversas e por sermos cidadãos conscientes e comprometidas com a construção de uma sociedade mais justa e solidária. Agradecer pela sua dedicação sincera para meu crescimento como educanda. Pela sua orientação com uma visão crítica e diálogo franco comigo e com minha pesquisa, foi o fundamental para se tornar um projeto concreto e perceber o quanto descobri e cresci com ele.

Agradeço a escola Fernando Treptow e a professora Carina Ribeiro que me receberam com muita atenção e me deram toda liberdade para meu trabalho de estágio ser concluído com êxito.

Agradeço imensamente minha amada e maravilhosa filha Louise, da qual muito me orgulho e meu dedicado e paciente esposo Marcelo, ao qual tenho muito amor e gratidão. Pessoas fundamentais para todo esse processo ter acontecido e de forma tranquila, por terem tido toda confiança, me apoiarem sempre, acreditarem em mim e não me deixarem esmorecer nunca, sempre com palavras amigas e carinhosas em relação a minha trajetória universitária.

As minhas irmãs queridas Maninha, Neca, Roberta e Márcia, guerreiras de todas as jornadas, de fé e de esperanças para sempre ter uma vida melhor, aos meus irmãos Paulinho e Fábio, exemplos de dedicação ao estudo e ao pequeno Bruno que está sempre em meu coração.

Aos meus maravilhosos sobrinhos e sobrinhas Ian, Santiago e Ísis que estão sempre perto de mim, aos anjos Camila e Natália que estão longe, mas sempre guardadas no meu coração. Crianças maravilhosas que me ensinaram ludicamente com suas brincadeiras e infâncias e que sempre me inspiraram para refletir no desenvolvimento de uma aprendizagem constante e crescente.

A todos meus amigos e as minhas amigas de longas datas e que de alguma forma contribuíram com meu estudo, apoiando, doando livros, ideias e materiais para o bom andamento do meu trabalho, em especial a Leocádia e a Rosângela que sempre acreditaram em mim e sempre me apoiaram com palavras e atitudes amigas para meu crescimento pessoal e profissional.

Aliado a todas essas pessoas estão os agradecimentos ao meu pai, que tenho muita saudade e a minha mãe, pessoas humildes e muito simples, mas responsáveis por me tornar quem eu sou.

"O valor das coisas não está no tempo em que elas duram,  
mas na intensidade com que acontecem.  
Por isso existem momentos inesquecíveis,  
coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis".

Fernando Pessoa

"Quem olha para fora, sonha; quem olha para dentro, desperta."

Carl Young

"Não sabendo que era impossível, ele foi lá e fez"

Jean Cocteau

"Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina".

Cora Coralina

"O oprimido reconhece a necessidade da liberdade...

O teatro liberta, mas é necessário derrubar muros".

Augusto Boal.

## SUMÁRIO

1. Como tudo começou.....	9
2. O jogo .....	16
3. Atuando .....	20
4. Buscando explicações, fazendo reflexões .....	23
5. Entendendo ou não, há uma explicação!?.....	29
5.1 Falta de costume de jogar .....	29
5.2 Falta de concentração .....	35
5.3 Outras possíveis adversidades .....	41
5.4 Competitividade excessiva gera falta de autoconfiança? .....	44
6. Os alunos.....	47
7. Concluindo.....	50
8. Referências.....	52



## 1. COMO TUDO COMEÇOU

Iniciei a trabalhar com teatro no ano de 2003 quando realizei uma oficina de Clown intitulada “Clown e a Comicidade do Corpo” com o instrutor Alexandre Coelho. A partir desta oficina os integrantes formaram um grupo que se intitulava “Núcleo de Clowns do Teatro Benjamin”. O grupo estudava e trabalhava onde atualmente situa-se o curso de Teatro-Licenciatura da UFPEL, na Rua Tamandaré, nº 275, esquina Alberto Rosa. Na época funcionava no local um anfiteatro que pertencia e era administrado pela artesã chamada Lua do Ríó e chamava-se Centro Cultural Porto das Artes, centro este que, durante alguns anos buscou promover e incentivar diversas atividades artísticas na cidade de Pelotas.

O grupo, apesar do entusiasmo inicial, desenvolvia suas atividades de maneira descompromissada. Não havia o estudo necessário, não se desenvolvia um trabalho de pesquisa e nem sempre havia tempo e disponibilidade por parte dos integrantes. Com isso vi o meu interesse e prazer em trabalhar com o teatro enfraquecer. Aos poucos o grupo acabou se desmontando. Na mesma época iniciei um trabalho de leitura dramática neste mesmo Centro Cultural Porto das Artes, com gerência, tanto do local como desta atividade, de Andrea Mazza.

No ano de 2005 fui selecionada para participar da peça “Deu Libório na Cabeça”, com o grupo de Teatro “Cuia Monstro” que ficou em cartaz por três meses na Sala Cultural do SESC. O projeto de teatro de André Macedo<sup>1</sup> foi em parceria com Aceves Moreno que trabalhou na direção da peça e Eduardo Matarredona, na produção cultural. Encantado, cativado e seduzido pelo projeto, o grupo Cuia Monstro tentou fazer com que o trabalho intitulado “Deu Libório na Cabeça” circulasse pelo estado, o que não aconteceu, visto que não disponibilizávamos de verba e não conseguimos patrocínio para isso.

Sem mais atividades artísticas e culturais, sem incentivo cultural e financeiro e também sem iniciativas para isso, percebi que não conseguiria ficar parada, sem

---

<sup>1</sup> Famoso por seus cartuns na cidade de Pelotas e autor do personagem Libório encartado no Jornal Diário Popular.

atividades que me tirassem da inércia diária, apenas trabalhando para manter o material e nenhuma atividade que pudesse me animar nas horas de lazer e que ampliasse meus conhecimentos pessoais.

Despertou-me a vontade de voltar a estudar, agora com minha filha grande e também na faculdade, poderia me dedicar aos estudos, sabia que seria algo bem distante de tudo que já teria vivido até o momento, pois parei de estudar desde nova, muitas vezes e por vários motivos. Comecei a tentar o vestibular, primeiro para Ciências Sociais, depois Filosofia e em 2008 a Universidade Federal de Pelotas - UFPEL disponibilizou o curso de Teatro-Licenciatura. Nele vi a possibilidade de realizar um estudo sólido, planejado, que me oportunizaria aprender, conhecer e desenvolver minha relação com o teatro.

Foi cursando a faculdade que percebi o tão pouco que sabia sobre teatro, sobre educação e o principal para se viver em sociedade, trabalhar em grupo.

Conforme foram se apresentando as disciplinas, os pensamentos e ideias foram se alinhando. No primeiro semestre tive apenas quatro disciplinas e dois professores, justamente por se tratar de um curso novo e com poucos docentes, pois foi em 2008 com a adesão da Universidade ao REUNI<sup>2</sup> que a UFPel teve por objetivo triplicar o número de alunos de graduação, sendo assim criados então dezenove cursos, entre eles, Licenciatura em Teatro. Mesmo com as dificuldades iniciais que comecei a enfrentar estudando (estar muito tempo sem estudar, a falta de estrutura física e de recursos no curso), estar vivendo aquilo ali era um sonho bom.

Foi estudando que percebi que o desenvolvimento e o alcance do ensino/saber não se esgotam somente nas dinâmicas e práticas coletivas apresentadas no decorrer do curso, como por exemplo, na disciplina de Teatro na Educação e existem as dificuldades que pude experienciar de perto no tão aguardado Estágio. Todo professor ou professora deve, de forma eficaz, transformar o seu saber, os seus conhecimentos para serem aprendidos pelo aluno. Minhas práticas devem se converter em objetos de ensino, em conteúdo curricular e por isso o estágio se

---

<sup>2</sup> Programa de Expansão e Reestruturação das Universidades Federais Brasileiras.

tornou, inicialmente, temido para mim: é a minha responsabilidade na transposição didática.

Percebi que entre os meus colegas acadêmicos havia uma divisão entre “os que querem o fazer teatral” e “os que querem ser professores(as) de teatro”. No Brasil o bacharelado é o curso superior que confere ao diplomado competências em determinado campo do saber para o exercício de atividade acadêmica ou profissional. A licenciatura, por sua vez, prepara o estudante para dar aula como professor(a) na educação básica<sup>3</sup>.

Os bacharéis podem exercer sua carreira profissionalmente em alguma área do conhecimento humano e penso que possa se tratar de uma questão vocacional. O licenciando tem o desejo de aprender para ensinar, adquirindo conhecimentos pedagógicos que o tornarão apto a transmitir esse aprendizado, tornando-os professores ou professoras. Também os cursos de licenciaturas estão mais valorizados hoje em dia e não há mais o mito de que não existe uma formação continuada, inclusive, alguns dos meus colegas já são professores experientes e mesmo assim estão se qualificando nas suas áreas ou em outras áreas acadêmicas.

No meu caso, não tinha nenhuma experiência como professora, em dar aula, mas achava que seria como fazer uma oficina de teatro. Ao longo dos cinco semestres já tinha adquirido alguma experiência e maturidade para desenvolver oficinas, achava que poderia ser igual em uma sala de aula. Nestas oficinas foi que percebi os fundamentos dos jogos, a importância do trabalho em grupo e o quanto temos que ser sinceros com nós mesmos para o trabalho funcionar.

Foi então que percebi que uma coisa não estava diretamente relacionada com a outra, oficina é oficina e estágio, é outra coisa. Oficina vai quem quer, não tem hora/aula obrigada e programada, tem característica de bem estar, por mais que nós monitores, saibamos que suas características são lúdicas e também são extremamente didáticas, pois, qualquer pessoa adquire e acumula conhecimentos com a educação informal. Por outro lado a educação formal pode ser resumida como aquela que está presente no ensino escolar institucionalizado,

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.hiperativo.com/qual-a-diferenca-entre-bacharelado-e-licenciatura>>. Acesso em: 10 de Nov. 2011.

cronologicamente, gradual e hierarquicamente estruturado. Ela tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores do Ministério da Educação (GADOTI, 2005, p. 2.). A educação é um direito, mas que é vista sempre como uma obrigação, o que pode vir a se tornar um peso para o aluno.

No meu primeiro estágio do curso de teatro licenciatura feito no 2º semestre de 2010 observei dificuldades nos meus alunos de 4ª série, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Fernando Treptow, de se envolverem com as práticas e os jogos teatrais oferecidos em aula. Nos jogos que desenvolvia, suas preocupações estavam voltadas para o que e como o colega estava fazendo. Isso me chamou muito a atenção, porque essas atitudes de avaliação e também de comparação impediam que o jogo acontecesse de forma natural, de forma que eles entendessem o jogo, suas regras e jogassem simplesmente.

Segundo a autora Heloísa Bruhns no livro “O Corpo Parceiro e o Corpo Adversário” (1993), as crianças jogam com espontaneidade, flexibilidade, descompromisso, criatividade, fantasia e expressividade. A criança quando joga projeta-se no mundo, confunde-se com o próprio jogo, e dessa vivência relacional utilizará elementos para operar com a realidade.

O teatro é uma manifestação artística em que as crianças podem utilizar do corpo, suas emoções e sentidos para representar, encenar ou expressar uma realidade. O jogo teatral se fundamenta nas regras e estas têm como um dos objetivos, libertar a espontaneidade, o jogo de regras é um parâmetro claro que gera a confiança necessária para se jogar o jogo. As regras estabelecidas entre os jogadores determinam uma relação de parceria.

O objetivo dos jogos para a autora e diretora de teatro Viola Spolin, é a preparação e aperfeiçoamento de atores, sejam profissionais ou iniciantes. Tendo relevância no processo educacional, estimulando a expressão criativa através da autodescoberta e experimentação pessoal.

Praticando alguns jogos teatrais percebi que os alunos tinham uma necessidade de aprovação e avaliação todo tempo e não conseguiam parar para se olharem. Claro que não esperava que fossem crianças já preparadas e com habilidades para se inserir nas atividades de forma natural, espontânea, por mais que elas tenham capacidades e habilidades para entender as regras do jogo, elas vivem num mundo de informações dadas e competições que se criou para elas, uma carga expressiva de atividades é despejada, tanto nas ações curriculares como extracurriculares e as crianças hoje em dia aprendem e consomem facilmente o que a mídia lhes proporciona, imitando e competindo com outras crianças para mostrar quem é melhor, quem está à frente, quem pode chegar lá, que significa, materialmente falando, fazer a escolha certa para vencer profissionalmente (a profissão certa é aquela que mais vai lhe dar dinheiro) e ter sucesso. Ou seja, o objetivo é este: ganhar dinheiro.

No século XXI as pessoas têm de lutar para se ter sucesso e poder, competem neste mundo bem poucos, pois os mais pobres trabalham para ajudar nas despesas da sua casa e não têm tempo de se qualificar. Ainda existe a exploração infantil e estas crianças se tornam ignorantes e tristes, sem ter podido aproveitar sua infância.

O que me surgiu neste momento das atividades, tendo tantas dificuldades possíveis de realizá-las, é que essas crianças com quem trabalhei desconhecem que suas chances de terem sucesso dependem delas e de aproveitarem algumas oportunidades, inclusive de aprender a viver, para se tornarem pessoas seguras e capazes de se valorizarem, não dependendo da anulação da capacidade de outras crianças para se igualarem, para se sentirem valorizadas e que, o sucesso pode ser apenas o bem estar pessoal delas.

Além das culturas valorizarem diferentemente os jogos, os educadores também o fazem e para diferentes propósitos. Para as crianças de diversas culturas existe a competição no jogo e inclusive esta competição é o propósito, muitas vezes, forçado pelos educadores em algumas atividades escolares. Na minha aula, o meu propósito era que o jogo fosse orientado para o processo em si e não para um produto final, usando a estrutura do jogo como base para o treinamento de teatro, como meio para libertá-los de comportamentos mecânicos e rígidos, fazendo-os pessoas espontâneas e capazes de superarem seus próprios limites.

Johan Huizinga no livro “Homo Ludens” (2010 - 6ª Ed.) diz que é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve. Nelson Rosamilha no livro “Psicologia do Jogo e Aprendizagem Infantil” (1979) fala que as crianças aprendem brincando, se formam e se desenvolvem. Augusto Boal tem como base fundamental para o teatro do oprimido e suas técnicas, descobertas por ele, as práticas coletivas, os jogos e as técnicas teatrais. Viola Spolin (1963) e Aladyr Santos Lopes (1982) dizem que através dos jogos testamos nossas próprias habilidades nos descobrindo e também podemos representar o outro, nos colocar no lugar de outrem.

Então estes pensadores do teatro estão me dizendo que o teatro na sala de aula, na educação, contribui para o desenvolvimento emocional, intelectual e moral da criança, que cria no aluno necessidades de se adequarem para ouvir, ver, ler e falar, de praticar efetivamente ações coletivas, ativa e voluntariamente, praticar a liberdade e a solidariedade através dos jogos e das práticas em grupos, incentivando as relações para a necessidade de colaboração tornar-se consciente e ativa para eles.

Huizinga diz que o jogo é nato, uma categoria primária da vida. O jogo é espontâneo, pois é uma atividade, uma ocupação voluntária (2010 – 6ª Ed.). A satisfação e a alegria são próprias dessa atividade. Porém, o que percebi é que estes alunos não estavam espontâneos, alegres e satisfeitos, não aprendiam brincando, não praticavam ações coletivas, não se descobriram e nem se colocaram no lugar do colega.

Como poderia colocar o jogo teatral na sala de aula, como eu poderia ter efetivado alguns, nem precisava ser todos, mas alguns dos objetivos dos jogos se suas atenções estavam totalmente voltadas para os outros, para os colegas? Essa atenção não era saudável e construtiva, todo tempo eram críticas, queixas, comparações e exigências para com os colegas, para que eu fizesse uma comparação entre eles também.

Como os fazer perceberem e se conscientizarem da importância do trabalho em grupo e dos jogos que levei nos meus planos de aula? Quem foi meu inimigo? Meu desafio para meu TCC é este, instigar, questionar e avaliar o porquê isso aconteceu, por que essas dificuldades de trabalhar em grupo? Quero discutir,

debater como foram seus envolvimento nos jogos teatrais propostos em sala. Existem outros professores ou professoras na cidade que também passam por esta dificuldade de implementar os jogos teatrais em sala?

Quero colocar minha trajetória neste meu trabalho, pois é daí que vem este meu interesse, esta minha inquietação em fazê-lo, pois no meu primeiro estágio, praticamente não consegui dar aulas. Falta de experiência, tato, *feeling*? Não sei, mas percebi algumas atitudes de meus alunos que me inquietaram e que acabaram me lançando para esta pesquisa para a qual não se terá uma ou várias respostas ou até mesmo não se terão respostas.

## 2. O JOGO

O quê: primeiro estágio do curso de Teatro Licenciatura.

Onde: na Escola Estadual de Ensino Fundamental Fernando Treptow situada na Rua Ernani Fornari, nº 221 no Bairro Fragata, Pelotas, Rio Grande do Sul.

Quem: turma 42 na sala oito, no turno da manhã e no horário das 7h40min até 11h30min. Vinte e cinco alunos na classe entre, dez até vinte anos, sendo a média de onze anos de idade.

Quando: no 6º semestre do curso descrito acima, 2º semestre de 2010.

Jogos teatrais é a designação dos jogos improvisacionais desenvolvidos pela diretora teatral norte-americana Viola Spolin, para fins de preparação de atores ou mesmo nas atividades escolares e que chegou ao Brasil através de Ingrid Dormien Koudela, principal propagadora do sistema de jogos teatrais e do pensamento de Viola Spolin no Brasil, tendo traduzido boa parte de sua obra para o português. Além dos trabalhos no processo de criação coletiva, os jogos também foram resultados de pesquisas realizadas durante anos, junto a grupos de teatro improvisacional.

Seguindo a trilha de Constantin Stanislavski, onde o desenvolvimento no trabalho do ator não vem com regras para sua formação, sem valores estéticos absolutos, nada está pronto, na medida em que vai se construindo, vai se formando, formatando um ator, para chegar a sua liberdade de expressão, sua verdade, estabelecendo um processo de educação pessoal. Descoberta prática dos limites do indivíduo, dando possibilidades para a superação destes limites, se produzindo a si mesmo livremente.

Os jogos teatrais são usados no treinamento de atores: “atuar requer presença e jogar produz este estado” (SPOLIN, 1999, p. 17). O trabalho do jogo em teatro é construído basicamente a partir das brincadeiras infantis, com uma forte exigência em relação aos seus limites e regras, apesar do clima de descontração e alegria que provoca nas aulas. As regras do jogo incluem a estrutura dramática, ela tem uma técnica de instrução através do qual encoraja o jogador a conservar a atenção no foco.



A metodologia dos jogos teatrais, de Viola Spolin, consiste em jogos de regras que apresentam uma sequência a ser seguida durante o desenvolvimento: preparação, foco ou ponto de concentração, descrição, instrução, avaliação, notas ou pontos de observação. Então aquecer, relacionar-se ao objetivo do jogo, saber as regras propostas, manter o foco, o ponto de atenção, conversar sem julgamentos como aprovação ou desaprovação e compreender através das instruções tudo sobre o jogo, é um sistema que através da prática propõe-se para o aprendizado gradual dos elementos componentes da linguagem teatral. Viola (1963) sistematizou um método para o ensino do teatro.

Meu objetivo no estágio foi trabalhar exercitando o jogo, dando a eles acesso para a transformação da realidade através do diálogo teatral, usando-o como elemento fundamental na aprendizagem e no desenvolvimento das aulas, fazendo-os desenvolver habilidades próprias como o se expressar, avaliando o envolvimento, a participação e o comportamento no trabalho dos alunos em grupo.

Trabalhando suas formas de expressão, pretendia ajudá-los a se colocarem como pessoas capazes e autônomas e a se relacionarem no/em grupo.

É importante aqui se observar que no grupo no qual foi realizado o trabalho existe uma diversidade econômica e social, conforme entrevista feita por mim na escola com a professora Carina Ribeiro Nunes Barcelos, responsável pela turma com a qual fiz meu estágio, que me passou informações, me ajudando a construir um diagnóstico da escola. Percebendo que ali, existem crianças da classe baixa e média, esta que detém a maior parte da população (dividida em três sub-grupos: média-baixa, média e média-alta). Alguma parte da classe média é detentora de imóveis e os cargos mais comuns são de professores(as) escolares ou contadores, pequenos empresários e artesãos hábeis. Estes indivíduos tem em comum algum grau de educação em que ganham o suficiente para uma vida razoável<sup>4</sup>.

Para trabalhar em grupo, para brincar, para jogar, as crianças criam a necessidade de praticar a escuta, de enxergar e se comunicar com as outras crianças, assim praticam voluntariamente e efetivamente ações coletivas. O trabalho

---

<sup>4</sup> Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Classe\\_m%C3%A9dia\\_baixa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Classe_m%C3%A9dia_baixa)>. Acesso em: 10 de Nov. de 2011.

em grupo também incentiva as relações de colaboração consciente para os participantes.

Por meio da vivência no grupo, na qualidade de parceiro e membro deste, a criança aprende a agir em determinadas circunstâncias. Aprende como o grupo reage a alguns comportamentos seus, bem como o esperado dela. Dessa forma, distingue e supõe as consequências agradáveis e desagradáveis de determinado comportamento. Essas experiências, portanto, são formativas e a criança passa a entender as regras do jogo, não apenas para a realização dele, mas pela participação num grupo social, no qual se desenrola parte de sua vida cotidiana. (BRUHNS, 1993, p. 40).

Minha expectativa para o estágio era fazê-los desenvolver, através do jogo, a espontaneidade, a imaginação, a percepção, a atenção, a observação, a concentração e a criatividade, observando e respeitando os limites e peculiaridades de cada indivíduo.

O jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e liberdade pessoal necessários para a experiência. Os jogos desenvolvem as técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo em si, através do próprio ato de jogar. As habilidades são desenvolvidas no próprio momento em que a pessoa está jogando, divertindo-se ao máximo e recebendo toda estimulação que o jogo tem para oferecer – é este o exato momento em que ela está verdadeiramente aberta para recebê-las (SPOLIN, 1963, p.4).

Conforme observa Huizinga (2010 – 6ª Ed.), o homem joga porque esta é uma característica sua como ser social. O aparecimento do jogo se dá desde o aparecimento de um povo, o jogo é inato ao homem, primário, anterior à cultura, é universal. Para Huizinga (2010 – 6ª Ed., pág. 6) é possível negar a beleza, o dom, Deus, mas não o jogo e por isso, são vários os autores que se propõem a estudá-lo. Dentro de suas diversas características, devemos aqui ressaltar como primordial o seu caráter lúdico: divertir ou dar prazer, jogo sem mirar resultados materiais.

“O teatro tem a função de divertir instruindo, é uma verdade que ninguém ousa contestar, pois seria negar-lhe a própria essência e a sua longa história” (REVERBEL, 1978, p. 3). As brincadeiras, o divertimento, a alegria na era pré-industrial não se afastavam do cotidiano. O trabalho e o lazer caminhavam juntos, a

produção e trabalho misturavam-se com jogos e canções, danças e cerimoniais expressando-se em rituais habituais como, por exemplo, o casamento.

“Porém, o lúdico perde espaço na sociedade capitalista. Na nova sociedade o homem se justifica pela sua produção e consumo” (BRUHNS, 1993, p. 86). Com o advento da era capitalista o desenvolvimento da moral burguesa reforçou a condenação dos jogos e as atividades mais espontâneas. Na transição para sociedade industrial, observa-se que o lúdico, o espontâneo, perdem o seu espaço. Cite-se o esporte (nos moldes atuais) onde o que se verifica são a imposição de regras, controles de uma situação, a dominação e subjugação de parceiros e elementos e a constante busca de maior rendimento e resultados.

“Se antes, na sociedade industrial, tivemos o impacto com a substituição da atividade humana pela máquina, agora verificamos o surgimento da substituição do raciocínio humano, ou a sua velocidade, pelos poderes eletrônicos da computação” (BRUHNS, 1993, p. 92).

O que terá sido em princípio o que me impediu de inserir o jogo teatral na escola? Estariam as crianças imbuídas desde já de um espírito de uma sociedade em que se deve primar pela competitividade, pelo rigor na qual se procura, senão aniquilar, pelo menos controlar e direcionar o potencial criativo e subjetivo do outro? Avaliar o contexto destas crianças pode dizer muito sobre as dificuldades que encontraram em jogar com o outro.

No meu estágio eles praticamente não compreenderam algumas regras e a competitividade era uma dificuldade encontrada e que estava presente nas ações coletivas, nos jogos, nas práticas em grupo e no relacionar-se das crianças. Suas atenções estavam voltadas totalmente para os colegas e o que eles estavam fazendo. A crítica negativa, a reclamação e a comparação acabaram sendo seu foco e produto final dentro da sala de aula e suas atitudes não foram de forma saudável e construtiva de um grupo em si.

Este capítulo foi elaborado para expor o que entendo por jogo e como ele segue no tempo, assim como mostrar que meu objetivo será avaliar porque estas crianças, meus alunos no segundo semestre de 2010, em idade para dominar o jogo e suas regras, não o fizeram.

### 3. ATUANDO

Para realizar esta pesquisa foi preciso investigar o jogo teatral desenvolvido nas práticas dos alunos na Escola Estadual de Ensino Fundamental Fernando Treptow quando se deu o meu primeiro estágio curricular do curso de Teatro Licenciatura, no 2º semestre do ano de 2010. Este primeiro estágio totalizou uma carga horária de 20 horas aulas.

Esses sujeitos foram escolhidos porque a maioria deles não conseguiu trabalhar com os jogos teatrais e suas regras. São crianças, pré-adolescentes e adolescentes que no período estavam cursando o 4º ano do ensino fundamental e que, pressupunha-se, a partir de uma evolução gradativa do pensamento lógico, estudado por Piaget (1978), deveriam ter a capacidade de desenvolverem a prática do jogo de regras coletivo, possuindo o raciocínio para os procedimentos e regras e agindo de acordo com estes pressupostos.

Para desenvolver esta pesquisa, optei por analisar os documentos provenientes da disciplina de Estágio I, entre eles todos meus planos de aula com suas avaliações, questionários respondidos pelos alunos, relatório final da disciplina e avaliação de desempenho do estagiário feita pela professora responsável da escola em questão.

Outro instrumento de coleta de dados que será analisado é um questionário formulado com dezenove questões aos quais três professoras que trabalham ou trabalharam com o teatro nas escolas de Pelotas/RS se disponibilizaram a responder.

Os documentos provenientes do estágio vão destacar as avaliações feitas ao final de cada aula dada, onde é descrito o que acontece, quais as atitudes dos alunos na hora do jogo, destaca-se também um questionário aplicado aos alunos, com algumas respostas as quais julguei estar em afinidade com o tema, que versava sobre o trabalho em grupo, as suas considerações sobre o jogo e a sua motivação para este. No relatório estão angústias e ansiedades com o Estágio I, a avaliação

feita pela professora do curso de teatro e também da professora responsável pelo estágio na escola atuante.

Analisar e explorar as respostas obtidas pelas professoras do ensino de artes visuais e de literatura e que trabalham e/ou trabalharam muitos anos com o teatro em sala de aula, sendo que todas têm como conteúdo e metodologia de aula o jogo. A opção por analisar as respostas de outras professoras foi realizada para auxiliar nas minhas reflexões e também debater e confrontar com as reflexões sobre o jogo teatral e a educação. Questionar como percebem e/ou perceberam o envolvimento de seus alunos nas práticas em grupo, como eles responderam à prática do jogo, como se concentraram e mais algumas questões, dispostas no anexo, escolhidas para poder perceber se implementar os jogos em sala foi uma dificuldade singular enfrentada ou se essa é uma situação comum que acontece com outros professores ou professoras, outros alunos, outras situações e/ou outras escolas.

A escolha de fazer uma análise do material e esse questionário se deu por não haver tempo hábil para outras coletas, como por exemplo, entrevistas, que poderiam gerar riqueza de dados, ampliando o campo da pesquisa.

No entanto, com este material a investigação também vai possibilitar agrupar dados importantes na medida em que se vai analisando, se tornando uma teoria fundamentada, não uma teoria com pretensão de confirmar hipóteses, mas sim de juntar um quebra-cabeça para ganhar forma e perceber as questões mais importantes, pois não se presume saber o suficiente antes de efetuar a investigação.

O interesse está nos diferentes modos da atuação de alunos com o jogo teatral, através desta análise e das diferentes perspectivas analisadas. Com este material gerado na observação participante e com o questionamento com as professoras, se terá elementos suficientes para construir reflexões e levantar dúvidas, questionando continuamente os sujeitos da investigação, com objetivo de perceber o que foi experimentado, o modo como foi interpretado e estruturado o trabalho e as experiências obtidas, levando em consideração também as experiências conhecidas através das três professoras informantes.

Quando do início deste estágio, não era planejado que os sujeitos de pesquisa pudessem ser estas crianças e suas dificuldades em jogar, mas aos poucos fui

percebendo o quanto se tornava difícil para todos envolvidos fazerem parte deste processo, estar em grupo jogando. Existe uma frustração por se ter toda uma vontade de trabalhar com o teatro em sala de aula e não conseguir e pelos alunos estarem passando por uma novidade em suas vidas, algo que pudesse ajudá-los e fazê-los crescer, mas que não conseguiram perceber e se envolver.

A arte ensina que nossas experiências geram um movimento de transformação permanente, que é preciso reordenar referências a cada momento, ser flexível. Isso significa que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte. Brasília: MEC/SEF, 1997).

Assim foi surgindo o interesse na pesquisa, o conhecimento da arte poderia abrir perspectivas para uma compreensão do mundo na qual estávamos inseridos naquele momento e que não se extinguiria ali e novos temas para uma investigação surgiriam, pois não existem temas que não precisem ser mais investigados.

Na minha pesquisa penso em fazer emergir aspectos subjetivos e motivações não explícitas, ou mesmo conscientes, mas de maneira espontânea que aconteceram no meu primeiro estágio para buscar percepções e entendimento sobre a natureza do que aconteceu, abrindo espaço para uma possível interpretação.

#### 4. BUSCANDO EXPLICAÇÕES, FAZENDO REFLEXÕES

Quem são estas crianças e jovens com as quais trabalhei no meu primeiro estágio? Como se comportam nos dias de hoje, quais são seus valores, quais são seus artefatos culturais e o que a escola tem mostrado para eles? O curso de Teatro – Licenciatura me propiciou estes questionamentos e debates permanentemente durante todo seu percurso e que neste caso, acho relevante destacar antes de contextualizar e tentar responder quem são nossas crianças e jovens de hoje.

Existem muitos determinantes na caracterização da construção da infância, são situações que sempre diferenciaram a forma de vida de grupos sociais e também a das crianças: as idades, a condição social, a condição econômica, o sexo, o local onde moram, a cultura, a época, as relações que têm com os adultos próximos, a religião, etc. Estas informações, vale lembrar, serão mostradas aqui com o ponto de vista de quem as olha, de quem registra suas características e de quem investe nelas e não do ponto de vista delas mesmas.

Na idade moderna, no Brasil, a autoridade máxima era a paterna e existe uma liberdade vigiada, onde a disciplina assume seu papel fundamental na educação infantil. Esse modelo de família patriarcal vinha da Europa e não se estabeleceu tal qual chegou e antes que se estabelecesse, no século XVI e XVII, observa-se que as crianças circulavam por várias casas, sendo cuidadas por comadres, vizinhas e familiares, visto que, as mães tinham maridos ausentes e companheiros ambulantes, constituindo-se assim mais de um modelo de família.

No século XVIII, as crianças quanto mais pobres, sempre trabalharam mais cedo e até o século XIX, às crianças negras, não se pensava nem se oferecia a escola. As crianças de categorias intermediárias, até estudavam e outras trabalhavam e estudavam ou só trabalhavam. As de classe alta, apenas estudavam (MÜLLER, 2007, p. 99).

Os meninos eram criados juntos com seus pais até os sete anos, depois os filhos de senhores iriam estudar e os de escravos e índios, trabalhar. O menino branco tinha que ser ensinado para ser patrão e não trabalhador. Tinham que ser

proprietários de terras e de gente e a menina branca criada para lidar domésticas e cuidar dos filhos, as criadas e escravas faziam cursos artesanais para ter uma valia maior no mercado de escravos.

No século XIX a mãe é responsável pela felicidade do lar e também pela formação moral dos filhos, o Estado através das escolas desenvolve políticas de educação para crianças burguesas e políticas assistencialistas para as crianças pobres, observa Müller (2007, p. 97). É o início da inclusão das crianças pobres e indigentes na escola.

A autora diz que a ideia de família unida e feliz (forçosamente implantada na cultura da época) era impregnada de moralidades cristãs, de pecados e castigos (MÜLLER, 2007, p. 103).

As instituições tinham que disciplinar e assim usavam o poder de castigar e até humilhar como forma de educar, obrigando os pais a colocar as crianças nas escolas, tiravam suas responsabilidades na educação, ficando eles (os pais) em segundo plano para a educação das crianças. Essa situação fez a população questionar sobre os direitos do Estado e os direitos de cada família sobre a vida dos filhos.

Na constituição de 1934, pela primeira vez foi citada uma lei que serviria para definir e regularizar o sistema educacional no Brasil, mas que foi ser realmente implementada pela Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961, que citava no artigo 30 que era obrigatoriedade de matrícula nos quatro anos do ensino primário. Em seguida vem a nova Lei nº 5.692 de agosto de 1971, que vigorou até a promulgação da mais recente, Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, onde o direito à educação é assegurado desde as séries iniciais até o ensino fundamental.

Hoje as crianças são amparadas pelo “Estatuto da Criança e do Adolescente”, o ECA que foi instituído pela Lei 8.069 no dia 13 de julho de 1990, que regulamenta os direitos das crianças e dos adolescentes inspirado pelas diretrizes fornecidas pela Constituição Federal de 1988 e que as consideram cidadãs, mas que, infelizmente, ainda não garante o efetivo cumprimento, por parte da sociedade e do estado, de seus direitos, as instituições ainda tem falhado em cumprir suas obrigações com as crianças e os adolescentes.



Descobrimo-se a infância, também se descobriu que ser criança seria uma idade especial para cada ser humano, todas teriam que ter o direito de brincar e ir à escola, usar desse direito sem ter responsabilidades, apenas gozar, aproveitar sua idade de ouro para ter uma vida perfeita, protegida e tranquila antes de começar com atividades de adultos, ou seja, com responsabilidades. Mas não foi bem isso que aconteceu.

O filme média-metragem “A Invenção da Infância” (2000), de Liliana Sulzbach, mostra claramente que isso se perde, se dissipa este conceito. A partir do século XIX, quando Gutemberg criou a imprensa escrita, ler e escrever seria muito importante e as crianças teriam de aprender estes códigos secretos primeiro para depois entrar no mundo adulto, com a modernidade vieram outros códigos, inclusive a TV, que mudaria até hoje o conceito de infância e o comportamento das crianças. Tantos os adultos como as crianças poderiam entrar nesse mundo televisivo e assim esses mundos começariam a se confundir. Os dois mundos começam a compartilhar as mesmas informações e não se reconhece mais o mundo infantil como o diferente e especial, pois os adultos e as crianças compartilham a realidade física e virtual igualmente, elas consomem e partilham as mesmas informações como e com adultos.

As atividades extra-escolares, durante todo dia, são imprescindíveis para esse mundo informativo/competitivo que se criou para elas, uma carga expressiva de atividades é despejada e elas aprendem e consomem facilmente o que a mídia lhes proporciona, imitando e competindo com outras crianças para mostrar esses códigos. O estresse também é causado em crianças por esta carga de atividades, não sendo mais privilégio de adultos e pode acometer a todas as crianças, mesmo as com poderes econômicos diferenciados.

No mundo moderno as palavras chaves são: rentabilidade, eficiência, mensurabilidade, competitividade, otimização, excelência e maximização.

Os artefatos culturais infantis são meros produtos comerciais e no século XXI se estabelece um lucrativo mercado para a maioria dos grupos e produtores culturais. As leituras são obras vendidas de antemão no mercado virtual com um apelo enorme de seus mega patrocinadores. O teatro, normalmente usado como

ferramenta, apresenta temáticas que na verdade são apelações para a formação moral e ética, os efeitos tecnológicos especiais tentam plagiar meios audiovisuais como a televisão e o cinema e os textos dramáticos já são obras diversas vezes montadas sem novas criações, não esquecendo que ligado a tudo isso, muitos figurinos e muita maquiagem e tudo muito colorido, para atrair atenção deste rentável público.

Ser criança no século XXI, repetindo os séculos anteriores, não significa ter infância. Algumas crianças têm muitas responsabilidades em suas vidas cotidianas, preparando-se para entrar no mundo competitivo dos adultos, tendo uma carga enorme de informações para isso, pois quem tem a informação pode chegar facilmente à frente e isso depende de quem tem mais condições e, aprende mais, quem paga mais.

Não podendo desvincular o lúdico das crianças (MÜLLER, 2007) e destes sujeitos com quem trabalhei, é interessante pensar que a melhor vida para elas será aquela pensada e organizada para todos, com direito à escola de qualidade, moradia, alimentação, saúde, conhecimento e informação, de forma única, sem discriminação e preconceitos, não deixando de se reivindicar o direito para a arte, a brincadeira, a diversão, o movimento, a oportunidade da criação em amplos níveis como fazendo parte não só do cotidiano infantil, mas também de todas as idades.

Pois foi pensando assim que comecei meu primeiro estágio. Na minha turma de Estágio I já comecei com um diferencial determinante, pois era uma turma formada por sujeitos de idades variadas, crianças, pré adolescentes, adolescentes e alguns já quase na idade adulta. Tinha que distribuir os alunos para o trabalho de forma distinta nas idades, colocando em cada grupo alunos de todas as idades, ou então dividindo por grupos semelhantes nas idades (desta forma, a minha avaliação das atividades não poderia ser comum a todos os grupos). Era uma turma que conversava muito e os alunos mais velhos já eram estigmatizados como “problemáticos” e assim eles já tinham assumido este papel também, não ficando quietos e interpelando a todo o momento as atividades nas aulas.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, referenciais teóricos para o ensino fundamental e médio e referencial teórico do PIBID<sup>5</sup> Humanidades da Universidade Federal de Pelotas (programa de iniciação à docência que faço parte e que foi também meu referencial para o plano de ensino) tem por objetivo estabelecer uma relação de respeito, compromisso e reciprocidade com o próprio trabalho e com o trabalho dos colegas nas atividades e que praticar o teatro deve ser uma tarefa coletiva de desenvolvimento da solidariedade social.

Praticamente todas as aulas aconteciam na rua e ir para o pátio da escola, para estas crianças, era sinônimo de agitação e perturbação. Sem organização, corriam e se dispersavam pelos corredores da escola até chegarmos ao local das atividades, tendo que buscá-los e/ou chamá-los a todo o momento. Neste caso ficou evidente que para estes alunos as atividades feitas no pátio (no caso das minhas aulas: o jogo) são bem diferentes das atividades em sala de aula, as ditas intelectuais, onde eles chegam, sentam, copiam do quadro e respondem (ou devem responder) apenas quando são questionados. Quando vão para o pátio, eles vão para gastar o excesso de energia, essa energia que vai acumulando em sala, descarregar suas emoções e brincar, como eles mesmos sempre se referiam. Desta forma tentei aproximar ao máximo o jogo destas atividades conhecidas deles, no sentido de tentar fazê-los se divertir e também descarregarem suas energias. Isso não aconteceu, a experiência foi frustrante do início ao fim.

Segundo Rosamilha (1979 apud Caplan F. e Caplan T., 1973) os currículos devem ser reformulados desde o jardim da infância, acrescentando os jogos desde cedo onde, os assuntos básicos fundamentais sejam apresentados por meio de jogos e dramatizações. O jogo é um processo e não um produto, e sabendo usá-lo a criança pode influir sobre suas condições de vida, sobre sua situação e seus comportamentos.

Serei professora e tenho que estar preparada para compreender e também saber lidar melhor com estas dificuldades, me preparar para os obstáculos que enfrentarei em cada ano, cada escola e cada sala. É uma tarefa para minha participação mais ativa e de qualidade no ensino, e que vejo como um dever, por isso, para aprofundar os pontos obtidos, percebidos durante o estágio, preciso

---

<sup>5</sup> Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, CAPES/MEC.

refletir acerca de atitudes minhas e dos alunos, juntamente com meu material de pesquisa (questionários e documentos do estágio), preciso definir como ocorreram esses fatos, se foram por se tratar de uma situação comum de idades, se foi o meio, a condição econômica, o sexo, a cultura, a época, as relações, enfim, preciso refletir quais os motivos se é que teve algum motivo específico que levou este estágio a não acontecer de forma prevista e planejada. Sei que isto não vai acontecer sempre, pois o planejamento nem sempre dá certo, mas, ao menos tenho que saber por que tive, na verdade, tivemos, eu e estes alunos, tantas dificuldades. Por que não foram solidários e se entregaram às tarefas?

Seguem, então, algumas considerações, ponderações e problematizações deste material.

## 5. ENTENDENDO OU NÃO, HÁ UMA EXPLICAÇÃO!?

### 5.1 FALTA DE COSTUME DE JOGAR

Apresentando a escola, quando a conheço e faço um diagnóstico, percebo que é uma escola grande e que trabalha com inclusão de alunos com necessidades especiais em sala. São um mil e trezentos estudantes nos três turnos e setenta e três profissionais, incluindo os professores. A instituição tem cinquenta e um anos e possui uma boa estrutura física, com três pátios amplos, uma área coberta, dois pavilhões de salas de aula, um prédio do administrativo e um laboratório de informática (inutilizado por ter o software Linux<sup>6</sup> e ninguém saber usar).

Mesmo sendo uma escola relativamente grande, ainda não tem muito acesso a atividades extra-curriculares como teatro, cinema, passeios turísticos, hora de leitura, etc. Na disciplina curricular de artes, na qual desenvolvi meu estágio, a professora Carina Ribeiro, professora da turma, informou que na verdade não fazem atividades da área, não trabalham com artes e que “de vez em quando fazem alguns desenhos” (2010).

Por se tratar de uma escola que apresenta baixo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), na época do meu estágio, estava se adequando aos programas do Governo Federal Escola Aberta e Mais Educação. O primeiro citado é um programa de educação, cultura, esporte e trabalho para a juventude e se propõe a promover a ressignificação da escola como espaço alternativo para o desenvolvimento de atividades de formação, cultura, esporte e lazer para os alunos da educação básica das escolas públicas e suas comunidades nos finais de semana<sup>7</sup>. Já o segundo, aumenta a oferta educativa nas escolas públicas por meio de atividades optativas como acompanhamento pedagógico, meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos, cultura e artes, cultura digital, prevenção e promoção da

---

<sup>6</sup> É um software, um sistema operacional livre – o que significa, entre outras coisas, que todos os interessados podem usá-lo e redistribuí-lo, nos termos da licença. Foi criado por um estudante finlandês, hoje é mantido por uma comunidade mundial de desenvolvedores. Disponível em: <<http://br-linux.org/faq-linux/>>. Acesso em: 13 de Nov. de 2011.

<sup>7</sup> Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/proposta\\_pedagogica.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/proposta_pedagogica.pdf)>. Acesso em: 17 de Nov. de 2011.

saúde, educomunicação<sup>8</sup>, educação científica e educação econômica<sup>9</sup>. São projetos com aprovação de toda a comunidade escolar, que mostra muita dedicação, principalmente nas atividades de reforço escolar, pois os alunos não escondem suas aflições e medos com algumas disciplinas, como a matemática.

Por não terem tantas atividades artísticas e culturais a comunidade escolar se mostrou bem receptiva com as atividades de teatro, mas também, durante o percurso do estágio, não tiveram nenhuma iniciativa em fazer ou até mesmo levar alguma atividade até a escola. O próprio calendário curricular não previa.

Depois de apresentar a escola quero, neste capítulo, também informar algumas atitudes dos alunos no momento do desenvolvimento das minhas aulas, que foram baseadas em jogos teatrais e que remetem a costumes ou a falta deles nas atividades apresentadas em sala. Por não se tratar de esportes, jogos livres e/ou brincadeiras, aos quais estão acostumados, tanto na escola como em suas brincadeiras diárias, construo meus planos de aula a partir de exercícios de expressão corporal, improvisações e jogos teatrais.

Uso da autora Viola Spolin (1963) para me guiar nas aulas, que diz que os jogos teatrais são importantes para estimular suas capacidades cognitivas, de destreza, para aprender e colocar em prática essas habilidades a fim de se utilizar delas em suas realidades, reproduzindo-as e usando-as para seu próprio conhecimento e também para um conhecimento novo. Usar os jogos e exercitar a recepção teatral nas aulas práticas como elementos fundamentais para aprenderem e se desenvolverem com o que os jogos lhes proporcionam.

Nos planos de aula também me baseio nas propostas do autor Augusto Boal, que tem como objetivo a democratização do teatro, qualquer pessoa pode participar do teatro e através de cenas construídas existe a possibilidade de um diálogo consciente e reflexivo. Queria possibilitar a esses jovens, através das improvisações,

---

<sup>8</sup> Metodologia pedagógica que propõe o uso de recursos tecnológicos modernos e técnicas da comunicação na aprendizagem, é o encontro da educação com a comunicação, multimídia, colaborativa e interdisciplinar. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Educomunica%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 17 de Nov. de 2011.

<sup>9</sup> Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12372&Itemid=586](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12372&Itemid=586)>. Acesso em: 17 de Nov. de 2011.

modos de descobrirem sua criatividade com autonomia, conhecendo seu corpo e seus limites, observando, se colocando e se desenvolvendo socialmente como sujeitos engajados na luta por uma transformação das suas realidades.

Partindo destes objetivos e embasada nos autores descritos, comecei meu primeiro dia do estágio, que aconteceu na sala de aula, trabalhando com o “jogo da bola”<sup>10</sup> e “quem é o guia”<sup>11</sup>, jogos que desenvolvem a concentração, o raciocínio, a memória, destreza, coordenação motora e a atenção e que os alunos disseram gostar muito e no exercício “tipos de solo”<sup>12</sup>, que pede atenção, imaginação e criatividade, trabalhando com expressão corporal e mostrando também, que o seu corpo é um instrumento de trabalho. Foi difícil para eles, pois estavam envergonhados, acanhados, ficavam sem jeito, preocupados com o que iam fazer e como fazer. Estas foram atividades nunca feitas e nem vistas antes, tanto por eles como para a professora regente da turma que estava assistindo a primeira aula, mesmo não se envolvendo nas atividades e na própria aula, ela adorou a novidade e ficou para assistir e usar das metodologias e dos objetivos dos jogos para desenvolver suas atividades diárias.

A terceira aula foi no pátio e comecei novamente com o jogo da bola, já demonstravam alguma afinidade com o exercício, então queriam praticar, mas percebo que eles ainda têm dificuldades por se tratar de um jogo um pouco complicado, eles não conseguem chegar a um objetivo final que neste caso é, em roda, atirar a bola para o colega contando, sempre dizendo o número que antecedeu o seu e o próximo (ex.: um, um e dois, dois e três, três e quatro...) normalmente peço até cinquenta, mas eles não conseguem chegar até vinte, então tive que estipular novas regras para não desistirem (era comum acontecer, saírem do jogo porque não

---

<sup>10</sup> **Jogo da bola:** Em círculo, um atira a bola para o colega e diz o nome do colega ao qual está atirando a bolinha, corre e ocupa o lugar deste colega na roda, quem pegar a bola atira para outro colega e assim sucessivamente. Também é feito com números, sempre dizendo o número que antecedeu o seu e o próximo (ex.: um, um e dois, dois e três, três e quatro).

<sup>11</sup> **Quem iniciou o movimento:** Em círculo, um sai e outro que ficou na roda é o guia e faz diversos gestos, alternando sempre, os outros da roda tem que seguir seus movimentos e quem saiu tem que adivinhar quem está coordenando os movimentos dentro da roda.

<sup>12</sup> **Diferentes Tipos de Solo:** Apresentar diferentes tipos de solo como espinhos, pedras, gelo, sabão, doces, fogo, sorvete, os alunos tem que caminharem conforme o solo apresentado pelo monitor.

estavam conseguindo) quem ia errando saia, assim oito alunos conseguiram chegar até vinte. Essas novas regras deixavam muito satisfeitos os ganhadores.

Fizemos jogos dramáticos que são improvisações ou cenas baseadas em textos e nesta aula, apesar de poucos alunos, o trabalho foi bem desenvolvido, os alunos que participaram estavam mais atentos e não tão agressivos, acredito que por isso trabalharam bem em grupo. No final gostaram da aula, disseram ter aproveitado mais por não ter tanta bagunça, gostariam de ter mais tempo para apresentar uma peça mais completa e ensaiada, explico que não é este o objetivo, mas sim, se sentirem bem e a vontade trabalhando com os jogos teatrais para estabelecerem uma relação de respeito, compromisso e reciprocidade com o próprio trabalho e com o trabalho dos colegas, o que é necessário e primordial no teatro.

Na quarta aula já percebo que eles sempre chegam cansados pela manhã, não sei se dormem tarde, se é noite mal dormida ou se puramente preguiça, mas eles costumam a aquecer e se ordenar, até iniciar a aula leva um tempo.

Nos jogos dramáticos fazem situações inusitadas, sem sentido, criaram um desfile de moda e feira do livro e nesta cena colocaram uma menina chegando e se deitando para tomar sol, enquanto em outras cenas são extremamente previsíveis em suas ações.

Questiono se eles tiveram um entendimento das atividades propostas, se entenderam os jogos e seus objetivos, o que ficou claro para meus alunos até o presente momento das aulas? Toda a aula, antes ou depois eu tinha que sentar, conversar e explicar sobre as atividades para ver se conseguíamos uma aula mais tranquila, com mais concentração. Sei que eles não estão acostumados com este tipo de atividades na sua escola e por isso poderiam estar tendo dificuldades em fazê-las, mas esta é minha prática refletindo toda a teoria que aprendi e, que por sua vez, tem toda minha teoria praticando, e precisava fazê-los entender e praticar os jogos.

Confronto então com estas minhas reflexões acima, as práticas de outras três professoras que me responderam dezenove questões e que chamarei de Maria,



Joana e Cíntia<sup>13</sup>. Estas professoras têm em comum suas práticas docentes na rede de ensino municipal e estadual na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul há dezenove, quinze e nove anos respectivamente e todas trabalham e/ou trabalharam com teatro em sala de aula.

Maria leciona Artes Visuais há quinze anos na rede estadual e dezenove na municipal e foi na Escola Municipal Santa Terezinha que desenvolveu um projeto extraclasse de teatro durante onze anos. Ela cita que

Todos os jogos teatrais pressupõem colaboração e percebo nos alunos que todos participam das atividades. Os jogos teatrais pressupõem o trabalho em grupo. Os alunos sempre gostaram muito das aulas e, na maioria das vezes, queriam que a aula tivesse uma duração maior (Professora Maria, 2011)<sup>14</sup>.

Trabalhou com construção de personagens, uso do espaço, movimento corporal, uso da voz, percepção dos sentidos, roteiros para cenas, criação de cena a partir de textos, criação de objetos cênicos, cenário, sons, improvisação e figurinos.

Joana leciona Literatura Brasileira na Escola Estadual de Ensino Médio Doutor Joaquim Duval há quinze anos, e começou no Magistério há trinta e um anos, trabalhando na periferia da cidade de São Lourenço do Sul. Percebe que

para o envolvimento nas práticas em grupos e nos jogos teatrais, os alunos, em princípio, têm alguma resistência, principalmente se for oferecido em uma situação em que eles têm de participar da aula, mesmo que não estejam com vontade, depois acabam gostando. É difícil conhecer uma forma de expressão não corriqueira, que necessita do despojamento. Estão acostumados com o convencional. Desbravar este território é função do professor. Cada turma é única e reage de forma diferente a novas propostas. Depois que eles descobrem que brincar, jogar é prazeroso, o trabalho vai ficando mais fácil de ser desenvolvido, respondendo de forma positiva as práticas dos jogos. E que por vezes, a colaboração nestas práticas tem que ser imposta, pois até a bondade é algo que se constrói. Ela fala também que por mais que pareça antipedagógico, às vezes temos de ser muito firmes... Até para construir bondade (Professora Joana, 2011).

Cíntia, em seu depoimento, coloca que leciona com alunos surdos e o teatro na sua escola é colocado nas grades curriculares como conteúdo da disciplina de artes visuais, área na qual é formada há nove anos. Trabalha com “jogos dramáticos e jogos teatrais baseados no método da Viola Spolin e Ingrid Koudela”. Acha que

<sup>13</sup> A pedido, a identidade das depoentes será preservada, os nomes apresentados aqui são fictícios.

<sup>14</sup> Todas as citações das professoras que responderam ao questionário da pesquisadora foram autorizadas por estas, bem como os depoimentos da professora regente da classe em questão.

“existe uma colaboração sim, dos seus alunos, nas práticas teatrais”, mas que trabalha o teatro como conteúdo e não como disciplina e que se trabalhar com este acaba negligenciando a sua área. Sabe que a escola gostaria que realizasse mais trabalhos, mas luta para defender a identidade de professora de teatro que deve ser remunerada, por isso admite não trabalhar de forma suficiente com o teatro em sala. Por se tratarem de alunos surdos, quando trabalha com atividades de expressão facial e corporal no teatro é normal e do seu cotidiano, pois usam como pontuação essas expressões, são rápidos para se organizarem e apresentarem desfechos de cenas trabalhadas.

Pode-se dizer então, que estas três professoras também têm em comum, além de lecionarem na rede municipal e estadual da cidade de Pelotas, o tempo que trabalham com o teatro na rede pública de ensino. Não me refiro ao mesmo tempo cronológico, mas um tempo suficiente para haver um costume, experiência e prática dos alunos com as atividades teatrais e, mesmo assim ainda mencionam que existem dificuldades para isso acontecer, que sem estes alunos praticarem os jogos, no princípio, sempre vai haver resistência, pois é difícil iniciar de forma natural uma atividade que os alunos desconhecem, porque se precisa de tempo para desenvolver um conhecimento e entrosamento das atividades.

## 5.2 FALTA DE CONCENTRAÇÃO

Desenvolver nos alunos habilidades necessárias como atenção, observação e concentração foram outros objetivos para meu primeiro estágio.

Estes foram objetivos praticamente impossíveis de atingir, conforme a professora responsável pela sala que estagiei, a turma tinha algumas particularidades como: “ser muito conversadeira, sem limites e com alguns alunos mais velhos que, além de não se disporem ao trabalho, também apresentavam dificuldades grandes e visíveis de aprendizado.”

A professora também informou que sua forma de disciplinar é chamar atenção da turma para resolver problemas, o que, em sua opinião, normalmente resolvia. Não gostava de tirar o aluno da sala e mandar assinar ficha, uma estagiária anterior o fazia com muita frequência e os alunos perceberam que não acontecia nada com eles e abusavam.

No momento em que ela relatava esta situação para mim, a turma não parava de conversar e gritavam tanto que quase não conseguia ouvi-la.

Logo que chego passo matéria, só depois de encher o quadro paro e dou bom dia, para eles não dispersarem a atenção. É uma turma que tem muitas dificuldades em matemática e que passa todo ano letivo preocupada com esta disciplina (Professora Carina, 2011).

Percebi a situação da conversa relatada por ela logo na segunda aula quando pedi que os alunos andassem pelo espaço alternando movimentos, na caminhada ao contrário eles não se coordenavam, falavam muito durante a atividade e assim não ouviam os comandos, faltando muita concentração para realizar o exercício.

Numa outra atividade, da “gangorra”<sup>15</sup>, poucas duplas conseguiram fazer por não se concentrarem, não terem a coordenação e força necessárias para realizar o exercício. Nos exercícios “estátua”<sup>16</sup> e “espelho”<sup>17</sup>, ficaram um pouco mais concentrados, um pouco, pois também não rendeu o que esperava porque tudo é motivo para bagunça e anarquia. Nesta aula tive que parar quinze minutos antes de terminar para conversar com eles e dizer da dificuldade que é trabalhar assim, perguntei para eles o que achavam de uma aula com tanta bagunça e conversa. A maioria diz que “são os outros colegas que tiram suas atenções, pois ficam batendo e os machucando, que fazem muita bagunça e que querem aproveitar a aula, mas os outros não deixam, que com esses colegas bagunceiros, não dá para trabalhar” (relato dos alunos, coletado durante estágio em 2010).

Na verdade a maioria entra no “embalo da bagunça”, são poucos que conseguem se concentrar, por mais que queiram ou tentem, acabam sucumbindo à situação de bagunça também.

Na quarta aula, fizemos improvisações com temas livres e eles tiveram muita dificuldade em definir temas e o que fazer, ficam indecisos e querem fazer tudo ao mesmo tempo, não se concentram e não aceitam opiniões dos colegas do mesmo grupo, a todo instante, até o momento das apresentações ainda estão definindo como fazer e trocando de temas.

Na quinta aula o espetáculo Teatral “...e o gato não comeu!!!” do Núcleo de Teatro<sup>18</sup> foi se apresentar na escola, mas meus alunos ainda são muito inquietos, conversam bastante, saem a todo o momento para ir ao banheiro e ao bar. Não param para se concentrar no que estão assistindo. Uma aula anterior a este espetáculo, meu planejamento foi trabalharmos uma cartilha confeccionada pela área do teatro do PIBID<sup>19</sup> com intuito de preparar alunos do ensino fundamental para

---

<sup>15</sup> Feito em duplas segurando as mãos, com os pés encostados de frente, enquanto um abaixa o outro levanta, fazendo o mesmo movimento de gangorra dos parques.

<sup>16</sup> Os participantes estarão andando pelo espaço, ao seu sinal, ele paralisarão com expressão facial e corporal sentimentos (CITADOS PELO MONITOR) como alegria, tristeza, medo, pavor, ira, orgulho, cinismo, desânimo, desprezo, etc. Pode-se fazer em dois grupos, para que um grupo olhe e observe a expressão do outro, e você analisa junto o que faltou, o que melhorou, etc.

<sup>17</sup> Em dupla, um é o reflexo do que o outro está fazendo, tem que ser feito os mesmos movimentos, na mesma sincronia.

<sup>18</sup> Projeto de Extensão do Departamento de Arte e Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPEL.

<sup>19</sup> Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

a relação palco-platéia, com o objetivo de desenvolver a relação com o espaço cênico e a criatividade. Mais uma vez foi impossível de realizar um planejamento. Como descrevi na quarta aula, não se concentravam e eu não havia conseguido cumprir todo o plano desejado.

Logo no início do estágio questioneei sobre atividades culturais, se costumavam participar, o que gostavam de fazer, se conheciam teatro, se tinham feito teatro, se gostavam de artes, o que mais gostavam. Surgiram muitas respostas, no esporte alguns disseram gostar de andar de skate, jogar vôlei, natação, correr, ginástica olímpica, andar de bicicleta. Nas artes, de desenhar, pintar, pintura em guardanapo, tocar violão, contrabaixo, pandeiro, guitarra, fazer teatro no grupo da igreja, brincar e alguns gostam, e outros não, de estudar.

O que mais me chamou atenção para estas respostas na época, é que todas foram respondidas no passado, nenhum deles fazia naquele momento alguma destas atividades e, assistir a um espetáculo teatral, não foi mais de 20% da turma que já havia assistido a algum.

Sei que estes alunos não têm relação com espetáculos teatrais e nenhum hábito de assistir peças infantis, como eles mesmos mencionaram, mas também, suas famílias e a própria escola não os incentivam, não os levando para assistir e nem levando um espetáculo com frequência até eles. Como descrevi anteriormente, não existem atividades culturais no programa curricular.

Na aula seguinte, quando chego tenho que aguardar por uns vinte minutos para poder começar. Optei por não falar, nem gritar, apenas esperar sem muito esforço, olhando para eles, fiquei por vinte minutos até perceberem minha espera e ficarem um pouco mais calmos. Fiz apenas um exercício de “construir cenas”<sup>20</sup>. Divididos em grupos, pedi que apresentassem cenas, podendo usar da fala, com os mesmos personagens da peça, mas criassem uma história diferente. Foram histórias praticamente impossíveis de serem entendidas ou, no caso a maioria, repetem a mesma história da peça, apenas um grupo (eram cinco grupos) modificou

---

<sup>20</sup> Dividir em grupos com o mesmo número de atores da peça “e o gato não comeu” vista na aula anterior, cada grupo fará uma cena com os mesmos personagens da peça, mas com uma história diferente. Com objetivo de aguçar a criatividade e contato com elementos da linguagem teatral.

totalmente. No momento da atividade eles correm e gritam muito alto, por vezes penso que a diretora vai vir chamar atenção, do quanto eles gritam e brigam.

Também ao questionar o que acharam da peça, respondiam apenas das roupas e das atitudes dos personagens, neste caso, não sei se foram eles ou a peça que não teve propostas suficientes para um questionamento e reflexões acerca dos elementos e dos jogos teatrais.

Mas não foi o mais inusitado daquela manhã: havia um grupo apresentando sua cena e antes de terminarem chegou a senhora do lanche e perguntou se eles queriam lanchar. Não deu tempo de nada, não pude chamá-los, eles saíram todos correndo para lanchar e deixaram os colegas encenando, como se nada estivesse acontecendo. Claro que quando voltaram do lanche o grupo não se acertava mais, não queriam entrar na cena novamente, uma menina não fazia o que tinha de ser feito, enfim, para trazê-los novamente depois do lanche, foi mais difícil ainda, não se concentravam para fazer a cena, quanto mais, para assistir.

Aqui, nesta atitude da merendeira, é visível a relação que minhas aulas tinham nesta escola. A disciplina de teatro ainda não está consolidada como uma área pedagógica, como uma área de ensino e com conhecimentos e metodologias específicos, mesmo com o acesso da disciplina na escola, ainda há certamente um descompasso entre esta renovação na realidade curricular da escola, com a disciplina de teatro. Para esta merendeira estar no pátio também é estar brincando, conforme já descrevi no capítulo 4. Sabe-se que, mesmo depois de muitos debates e manifestações de educadores brasileiros para incluir a disciplina de artes como componente curricular obrigatório da educação básica, para reconhecer a importância da arte na formação e desenvolvimento de crianças e jovens, ainda encontramos muitas dificuldades, para a renovação dessas ações pedagógicas em arte não ficarem reduzidas a discursos e apenas no papel.

Nesta mesma aula, resolvi entrar para a sala e passar um questionário de dez perguntas sobre os seus conhecimentos sobre o teatro, quais as diferenças entre o teatro e as outras formas de mídia, o que aprenderam dos jogos e quais seus objetivos, enfim, sobre o que sabem e o que aprenderam sobre as aulas desenvolvidas até aquele momento, pois a forma como agiam era de desdém e

relutância. Neste momento esqueci toda minha garra e vontade de ensinar teatro e recorri às mesmas metodologias da professora regente, usando, como emergência, de formas mais comuns para fugir daquela situação de caos e descontrolada ao qual estava envolvida. Depois fui liberando uns quinze minutos antes do recreio quem já havia copiado e respondido duas questões no mínimo, pois estavam completamente agitados.

Na última aula já iniciaram sem estímulo e assim seguiu até o final, não paravam e pediam a todo o momento para saírem, ir ao banheiro, ao bar, na secretaria, falar com amigo e/ou irmão em outras salas.

Quero destacar que na avaliação de desempenho do estagiário, a professora de estágio do curso, Vanessa Caldeira, fez a seguinte observação: “(...)incentiva a turma, promove atenção e concentração. Faz as atividades com calma e com foco”. O que considero ter conseguido fazer, mas que não posso considerar por todo o período do estágio, porque, na verdade, nas duas últimas aulas, tinha um sentimento de frustração, uma sensação de fracasso e depreciação do meu trabalho, mesmo sabendo não o ter negligenciado em nenhum momento, mesmo assim, ainda tive esta sensação. Hoje entendo: professores passam por isso a todo o momento.

No questionário das professoras, percebo que as queixas de alguns alunos em relação à concentração para desenvolverem os trabalhos são mais comuns do que imaginava, pois questiono se existem queixas dos alunos nos momentos das práticas e a professora Maria responde que “geralmente sim, os alunos que são mais concentrados se queixam daqueles que não são, principalmente em atividades em que se trabalha o uso do espaço”.

Para as professoras, pergunto se seus alunos conseguem ter e manter concentração, surgiram às seguintes respostas e que descrevo por considerar importantes para o encontro com a problemática “falta de concentração”

Maria diz que “a única dificuldade encontrada em alguns grupos de teatro era a constante agitação de alguns alunos e acha que a concentração pode ser desenvolvida aos poucos, pois alguns deles costumam mais que os outros para se

concentrar”. Vale ressaltar que trabalhou com alguns mesmos alunos por um período de quatro anos nas aulas com jogos teatrais.

Joana acha que “isso varia de turma para turma. Com o passar do tempo, naturalmente eles desenvolvem a atenção, a percepção, o toque, a agilidade, a destreza, os reflexos. Tudo é questão de continuidade”.

Cíntia diz que “a escola é um dos poucos lugares onde eles se encontram, então as propostas que eles podem se relacionar mais livremente com os colegas são realizadas com prontidão”.

Novamente então, surge a problemática ou, no caso, a solução da problemática concentração e que também é uma solução para a falta de costume dos alunos com as atividades teatrais: “o tempo”. Estas professoras experientes e habituadas com a pedagogia do teatro estão me dizendo que o tempo resolve, pois com ele os alunos conseguem se relacionar com o desconhecido e também engajar-se nas atividades, construindo atenção e concentração para exercê-las.

Na avaliação de desempenho do estagiário, a professora da turma, Carina Ribeiro fez a seguinte observação:

Apesar de os alunos estarem desabitados a realizar técnicas de dramatização e acharem que as aulas de teatro são uma atividade recreativa, a estagiária Lucia teve pleno domínio de classe e planejou suas atividades para desenvolver nos alunos habilidades importantíssimas como atenção, concentração e muitas outras. Habilidades que a turma contemplada por este estágio necessitava e ainda necessita, pois em apenas 20h não dá tempo (Professora Carina, 2011).

Também considero o tempo uma solução, pois, sem dúvida, sete aulas é muito pouco. Não conseguiria, mesmo com muito foco e sem nenhum descuido ou erro no caminho, implementar todos os jogos planejados e fazê-los entender todos objetivos propostos.



### 5.3 OUTRAS POSSÍVEIS ADVERSIDADES

Claro que a falta de hábito com as atividades teatrais e de concentração destes alunos podem ser causadoras das dificuldades que aconteceram no meu estágio, mas tiveram algumas outras que também posso considerar.

Programar com objetivos específicos um plano de ensino e não ter tempo suficiente para executá-lo pode ter sido o principal problema pelo que pude constatar até então neste esforço reflexivo, mas aliado a isso havia outros fatores, específicos ou não desta turma, e que são consideráveis de análise.

No início do estágio tínhamos um diálogo e estávamos nos conhecendo, nos habituando com o desconhecido, com o novo, acredito que por estar acontecendo pela primeira vez e tudo ser novidade tanto para mim quanto para eles, mas a liberdade, que supostamente eles acharam que lhes foi dada, por se tratar de aulas em que eles poderiam se levantar, se exercitar e opinar, acabou sendo mal interpretada, pois na sequência, alguns acabaram achando que estavam livres para a bagunça (que era muita) e que as tarefas eram “brincadeiras” e assim foi numa crescente e constante.

Também estarem sempre cansados, a falta de vontade para exercer as atividades e as constantes brigas, estas preocupantes porque eram agressões, tanto verbais como físicas, ao ponto de ter que estar sempre alerta e atenta para não se baterem, o que não conseguia sempre, pois acabavam acontecendo muitas vezes tapas, socos e puxões, sem discriminação, era entre todos, meninos com meninas, maiores com os menores (situação impressionante que demandava constante chamadas de atenção para que não se machucassem gravemente entre eles).

Outra situação que acabou por atrapalhar um pouco o andamento da minha introdução na sala de aula foi a constante presença da professora regente nas minhas aulas. Fazer esta troca da professora da turma pela minha aula, em alguns momentos, teve uma pequena dificuldade, ela não saía da sala, o que acarretou também numa dificuldade dos alunos, eles acabavam sempre se dirigindo a ela (e ela respondendo) em todos os assuntos e não a mim, que estava, naquele momento, propondo a aula. A professora titular ficou na sala algumas aulas até a

minha professora do curso solicitar que ela se retirasse. Conforme os comentários da professora titular da sala, não acredito que ela queria me avaliar, ela gostava muito das atividades e sempre fazia ligações dos exercícios propostos em sala com o fundamento dos objetivos, achando-os de extrema importância e de forma positiva para o aprendizado dos alunos, mas mesmo assim eu não sentia como minha aula; os alunos, nunca foram meus alunos.

A partir da ideia da professora e pesquisadora das pedagogias teatrais da USP Maria Lúcia Pupo (informações verbais)<sup>21</sup>, percebi também outra situação adversa, mas esta, gerada por mim. A minha vontade de que o estágio desse muito certo me fez pensar enquanto estava fazendo minhas reflexões no momento das frustrações, no que poderia estar acontecendo e como poderia agir. Percebi que meu interesse era no produto final, nos objetivos dos planos e essa pode ter sido minha ingenuidade e falta de experiência.

Como já descrevi anteriormente, o meu propósito era que o jogo fosse orientado para o processo em si e não para um produto final, usando a estrutura do jogo como base para o aprendizado de teatro e assim, não pensei no fundamental, o que os alunos queriam, gostariam e precisariam dos jogos, das minhas aulas.

Querendo estimular suas capacidades e habilidades diretamente, não pensei no que teria sentido para os alunos e que, para construir meu plano de ensino, deveria ter pensado em quem eram esses alunos, propondo atividades que acompanhassem paralelamente seus processos de desenvolvimentos, tanto físico, afetivo e cognitivo e fazendo-os terem um desenvolvimento gradativo com as aulas, se adequando com as atividades. Mesmo sabendo que deveria perceber suas realidades, necessidades, expectativas e limites para o trabalho, não o fiz na prática. Poderia ter tido mais sentido todo diálogo que tentei fazer com eles, assim, quem sabe, o tempo não teria sido tanto um problema.

---

<sup>21</sup> Palestra realizada em dezembro de 2010 junto ao curso de Teatro – Licenciatura da UFPel sobre “Teatro Contemporâneo e Educação” falando problematizando as questões fundamentais da licenciatura em artes cênicas da USP e pelos alunos do curso de teatro da UFPel, a partir de suas experiências com escolas da rede pública de pelotas. Foi um diálogo entre estudantes da UFPel e a professora da USP.

Surge então, novamente, a palavra “tempo”. Se este não é o meu maior inimigo pelas minhas frustrações no meu primeiro estágio, pelo menos até agora é o mais presente, o mais frequente nas minhas análises.

#### 5.4 COMPETITIVIDADE EXCESSIVA GERA FALTA DE AUTOCONFIANÇA?

Nestas 21 horas/aula atestadas que fiquei com estes alunos, observei a dificuldade que eles têm de se autoconhecerem, de se avaliarem, de se olharem. Suas atenções estão totalmente voltadas para os outros, para os colegas, mas não é uma atenção saudável e construtiva, eles criticam uns aos outros todo tempo, se queixam dos colegas, se comparam e exigem que a gente faça uma comparação também. Esses alunos desconhecem seu potencial e por isso têm a necessidade (acreditam que assim se igualam) de anular o potencial e a criatividade dos colegas (BERNDT, Lucia, relatório de estágio, 2011).

Este é um trecho do meu relatório final de estágio, que cito também no primeiro capítulo deste trabalho e no qual deixo evidente minha preocupação com a falta de autoconfiança destes alunos. Considero extremamente importante avaliar todas as dificuldades e adversidades encontradas neste estágio, mas falar na competitividade excessiva destas crianças e que pode gerar a falta de confiança em si, também faz parte deste trabalho, e (por que não?) é o que realmente me estimulou para ele.

Nos conteúdos dos meus planos de aula haviam exercícios de expressão corporal, jogos teatrais, improvisações e leituras e nos objetivos descrevo que quero favorecer a esses jovens possibilidades de se descobrirem como pessoas com opinião, de terem ideias, sentimentos, atitudes, permitindo se conhecerem, conhecerem seu corpo, se permitindo observar, se colocando e se desenvolvendo socialmente. Também praticar a liberdade e a solidariedade através da formação de grupos para a realização das tarefas, das práticas, incentivando as relações para a necessidade de colaboração tornar-se consciente para eles, assim como se adequarem para falar, ouvir e observar. Tirá-los um pouco da situação de espera e colocá-los como pessoas capazes de criar, de expor suas ideias e de se conhecerem.

No decorrer das aulas, praticando o jogo da bolinha com a nova regra de quem erra vai saindo do jogo, estavam mais empolgados. Começo a perceber que a disputa os move. No jogo “quem é o guia” já se mostravam sem vontade e que era um jogo que eles sempre salientavam interesse e pediam para ser feito perdeu a graça, pois começaram a arrumar táticas de descobrir rapidamente quem era o guia, não que isso não fosse importante, chegar nestas percepções é um bom sinal, mas

o intuito do jogo passou a ser outro, não era mais jogar com concentração e atenção e sim quem descobria para se intitular “o mais esperto”.

Enquanto jogam ficam discutindo todo tempo, julgando e subestimando os outros que não conseguem tal façanha. Durante as atividades ficam se acusando todo tempo, sempre falando e censurando os colegas e os outros grupos.

A professora Maria, no questionário, responde sobre comportamento de avaliação de si e do colega. Pergunto se seus alunos faziam críticas em relação às suas práticas de jogos e às práticas dos colegas e se essas críticas eram construtivas ou não, ao que ela responde: “sim, um dos momentos da aula com jogos teatrais é a co-avaliação e a auto-avaliação e a princípio não são críticas construtivas, mas com o desenrolar das aulas os alunos mudam essa postura”.

Sobre as comparações ela também responde que “os alunos costumam comparar suas atividades com as dos colegas. Nas avaliações por vezes os alunos comentam sobre a sua atividade e a do colega comparando uns com os outros”.

Esta mesma professora também caracteriza as turmas da escola Santa Teresinha como “alunos muito criativos e percebe que a maioria gosta das aulas de Artes, mas uma turma que não era da escola possuía um pouco de dificuldade na realização dos trabalhos. São pré-adolescentes e adolescentes dependentes, com pouca autoconfiança”.

Durante os anos em que trabalhou com os jogos teatrais observou poucos alunos apresentando falta de autoconfiança e auto-estima e os alunos que observou com estas características também as apresentavam em outras disciplinas da escola.

Joana enfatiza esta questão dizendo que “é claro que aluno compara. Que os adultos acadêmicos fazem isso todos os dias, por que eles tão mais jovens não fariam e que a questão é como o professor lida com tal questão”.

Cíntia responde que:

sim, comparam, mas para dizer se entenderam ou não, ou às vezes para mostrar aos colegas como eles fariam se fossem eles. Isto é natural para eles, não acredita que seja apenas para mostrar quem faz melhor ou se o outro fez pior. O que acontece com os menores é a imitação, se um aluno faz uma representação que o outro gosta este quer repetir igual.

Cíntia caracteriza como “alunos tímidos os que participam menos das atividades”. Pergunto, portanto: uma criança tímida não pode ser uma criança pressionada pela sociedade que exige que ela seja uma campeã a todo o momento?

Quando descrevo nos objetivos de meu plano de ensino que quero pessoas capazes de criar, de expor suas ideias e de se conhecerem, tirando-os da situação de espera estou me referindo a saírem do contexto comum do dia a dia, de saírem desta pressão em que são condicionados com as mídias agressivas, deixarem de ser pessoas que os outros querem que eles sejam, sei que é muito difícil ou até mesmo, não sei se isso pode ser feito, mas tenho que tentar ao menos. Essas pessoas são aquelas que escutam todos os dias que devem ser otimistas, acho importante ser otimista, mas acho que aliado ao otimismo está o entusiasmo, o produto final do otimista pode ser apenas o esperar enquanto que os dois juntos crêem e agem ao mesmo tempo, não creio que um exista sem o outro.

Quero que se tornem pessoas que lêem o mundo com sua visão, criando capacidades de se tornarem pessoas críticas e não só competitivas, que têm que provar a todo o momento para os outros quem é o melhor, quem está à frente e quem pode chegar lá, e isto, considero uma tarefa fundamental para um professor ou professora.

## 6. OS ALUNOS

O questionário dos alunos que formulei na penúltima aula do estágio, possui algumas respostas que julguei necessárias e interessantes para este trabalho. As questões que não estão aqui para análise, não julguei necessário apresentar por não possuírem afinidades com o tema questionado.

Lendo este material novamente, agora com um olhar mais distante e ao mesmo tempo próxima do que foi praticado, por se tratar de uma percepção mais crítica, vejo o quanto foi benéfica esta rápida inclusão da pedagogia teatral na escola e percebo que alguns deles, através desta análise neste trabalho, me mostraram que, nem todos estavam tão “por fora” dos objetivos assim, como eu pensava.

A partir de algumas respostas destes alunos<sup>22</sup>, me dei conta o quanto eles perceberam e que julgava não terem aprendido, por estarem sempre na agitação.

Nestas reflexões feitas por eles, apesar de ser um percentual de alunos e não um total da sala, verifico e confirmo os tipos de referências artísticas que alguns deles têm em suas vidas e o quanto foi difícil mesmo, para alguns deles, trabalhar em grupo, mas também, o quanto valeram minhas insistentes palavras durante as aulas.

Quando pergunto o que é teatro, Na. (10 anos) responde que “teatro é uma novela onde eles se apresentam ao vivo”, Ma. (11 anos) “um trabalho, um gosto, uma arte”, Mi. (11 anos) “é uma coisa que a gente aprende a ter regras e muitas coisas mais” e Na. de (20 anos) diz que “é trabalhar com educação e respeito”.

Na questão em que pergunto se eles têm vontade de fazer teatro e por que e se teatro é diferente de televisão, cinema e circo, quero aproximar suas informações cotidianas e ideias com o trabalho de teatro que estávamos praticando, o que estavam aprendendo e como diferenciarem o teatro que estava apresentando para eles com o divertimento, o brincar ao qual eles estão acostumados. Ma. (11 anos) responde que “sim, porque é legal e tem que ter atenção” e La. (11 anos) também responde positivamente “porque fazendo teatro a gente aprende a trabalhar em

---

<sup>22</sup> A identidade dos alunos será preservada, os nomes apresentados aqui estão com suas iniciais.

grupo” e nas diferenças entre TV, teatro e televisão Ani. (10 anos) diz que “teatro é muito diferente e muito mais legal”, An., (10 anos) “teatro se usa a imaginação e televisão, cinema e circo é uma diversão”, Mi. (11 anos), “é bem diferente porque teatro é uma coisa simbólica que marca nas pessoas e a TV, cinema e o circo são coisas simples” e Iv. (11 anos) “porque no teatro a gente não está fazendo palhaçada e sim atuando em frente à platéia”.

Nestas questões eles estão deixando claro o quanto atuar pode ser marcante e sério (por mais que tenha tentado fazer das atividades com o teatro um trabalho mais descontraído), o quanto precisa de atenção, ter responsabilidades e o quanto é “legal” e necessária a imaginação para fazê-lo. Mesmo não sendo uma atividade comum para eles, tanto o fazer como a ida ao teatro, eles respondem que “com o teatro se aprende a trabalhar em grupo”, estas respostas que eles me apresentaram são primordiais para a percepção do trabalho, tanto do ator como também para o trabalho que estávamos fazendo em sala poder dar certo, o que hoje me responde o quanto, alguns deles, se aproximaram sim, das aulas.

La.(11 anos) respondeu que fazer teatro é “importante para se aprender a trabalhar em grupo” e também me respondeu que trabalhar em grupo é “bom porque a gente aprende a tratar as pessoas bem” e Mi. (11 anos) diz que para trabalhar em grupo “tem que ter muita amizade e participação”. Como fazer um jogo, um exercício ou uma peça teatral se não tivermos a visão essencial para isso? Então foi assim que estas crianças me responderam claramente alguns dos objetivos dos jogos teatrais. Mas, nem para todas, pois para outras crianças, a visão da questão já é outra, trabalhar em grupo para Ani. (10 anos) “é mais ou menos, um pouco legal e um pouco chato” e para An. (10 anos) “é uma péssima ideia porque dá muita confusão”. Será que estas duas crianças fizeram uma reflexão do trabalho um pouco superficial, sem um aprofundamento do que realmente foi dito para ser praticado? Não sei, talvez com um pouco mais de tempo, aquele “tempo” eu pudesse responder!

Na resposta de Mi. (11 anos), ela diz que o teatro “pode ser muitas coisas a mais”, e agora por estar com mais alcance da situação vivida neste estágio e do que pude passar nas aulas para eles, tomo a liberdade de incluir nestas “muitas coisas a mais” outras reflexões, também apresentadas por eles: O teatro ensina a ter regras,



ensina a aprender a trabalhar em grupo, a tratar bem as pessoas, ter amizade, educação e respeito, ser “legal”, participativo e ter que ter atenção e concentração, ser diferente e se colocar no lugar de outros, ter que usar a imaginação. O teatro é simbólico, marca as pessoas, não é simples, tem que atuar, os jogos são muito bons. Tudo isso são objetivos claros que estão nas propostas do fazer teatral e as palavras apresentadas “aprender, marcar, legais e muito bons”, colocadas por eles, já mostra também, quase todo um alcance do meu objetivo pensado e planejado para o Estágio I, o que é excepcional e muito gratificante.

Digo “quase todo um alcance” porque considero poucos alunos a fazerem reflexões mais objetivas do trabalho, não só por não responderem o que quero ouvir, mas por simplesmente não falarem. Posso, neste planejamento, ter pensado com um grau de exigência além do que eles poderiam ou compreenderiam para o trabalho, mas, quem sabe, quando me tornar professora, eu possa reavaliar essa questão e ter mais esperança, mas com mais tempo para dar aulas, para que nem tudo, mas um pouco mais, possa ser acrescentado para mim e para os alunos.

Fazer este trabalho, ter estas reflexões e ler estas respostas, me fazem re-creditar novamente na pedagogia teatral, essas crianças respondem o que aprenderam, mesmo não tendo respondido ou acontecido com todos. Considero uma situação normal, por saber que todo planejamento nunca vai ser cem por cento e nem todas as turmas vão ser turbulentas, nem tudo é sempre, sempre assim.

## 7. CONCLUINDO

Após essa experiência vivida na rede estadual de ensino de Pelotas, mais do que refletir sobre uma aula ideal, busquei também refletir sobre como desenvolver os jogos teatrais dentro da sala de aula de currículo regular. De que maneira pude contribuir para estes alunos com meus objetivos e no meu crescimento como pessoa e como futura professora de teatro.

Pude refletir sobre os valores que me acompanharam na minha trajetória artística, como promovi uma nova chance de poder estudar e minha percepção em querer me tornar professora e a responsabilidade que isso implica.

Apresento a escola onde estagiei, como construí meus planos de aula e como se deram as minhas aulas, onde percebi a importância e também como é difícil trabalhar em grupo, descrevo isso nas dificuldades encontradas no estágio I.

Contextualizo, para uma melhor visualização do trabalho, o jogo, o que dizem e o que dizem teóricos e estudiosos dos jogos, o que é o jogo no teatro, quais são as diferenças dos jogos, quais são as diversas formas de jogo, suas regras e objetivos, onde e como são utilizados os jogos teatrais, incluindo as ideias dos professores, pesquisadores e propositores do jogo teatral e da pedagogia do teatro.

Explico qual objetivo e referencial para meu estágio e minhas frustrações a partir destes objetivos, dando um panorama de como foi este estágio, o que eu queria, quais foram meus questionamentos. Minhas surpresas com os alunos, suas características e como vivem seu dia a dia escolar. Exploro a caracterização e o conceito das diversas infâncias a partir da idade média até a contemporaneidade, suas trajetórias na educação e na sociedade. O direito e leis para as crianças e adolescentes.

Comento, nas análises, como as construí e como os elementos analisados apresentados, confrontados e debatidos vão tentar definir a forma como aconteceu o trabalho baseado nos jogos teatrais na minha sala de aula, problematizando e questionando as dificuldades que foram encontradas e também levantadas, tanto em

sala como neste trabalho, mostrando o que pode se construir de informação e conscientização, tanto por parte de meus alunos como de minha parte.

Percebi o quanto foi e é importante o estágio, mesmo com as dificuldades e adversidades apresentadas, o quanto existiu um crescimento de todos envolvidos e este contato que todos tivemos com a pedagogia teatral, tanto eu, a turma como a professora titular, leva-nos a refletir muito e isto já torna esta uma ação poderosa para as grandes transformações tanto pessoais como profissionais e, no meu caso, posso garantir que cresci como estudante e futura professora de teatro.

## 8. REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **O Estranho Mundo que se Mostra às Crianças**. São Paulo: Summus, 1983.
- BOAL, Augusto. **Jogos para Atores e Não-Atores**. 12ª edição – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008
- BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto – Portugal: Porto Editora Ltda., 1994.
- BRANDÃO, Carlos R. **O Que é Educação**. São Paulo, SP: Editora Brasiliense S.A. 22ª edição - 1ª edição 1981.
- BRUHNS, Heloísa T. **O Corpo Parceiro e o Corpo Adversário**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1993.
- CAMAROTTI, Marco. **A Linguagem no Teatro Infantil**. São Paulo: Loyola, 1984.
- COURTNEY, Richard. **Jogo, Teatro & Pensamento**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1980.
- DUARTE, Rosália. **Pesquisa Qualitativa: Reflexões Sobre o Trabalho de Campo**. Rio de Janeiro: Cadernos de Pesquisa, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Entrevistas em Pesquisas Qualitativas**. Paraná: Educar em Revista, 2004.
- FERREIRA, Taís. **A Escola no Teatro e o Teatro na Escola**. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Problematizando uma Estratégia Multimetodológica de Pesquisa em Teatro e Educação**. Ponta Grossa – PR, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e terra, 1996.
- GADOTI, Moacir. **A questão da educação formal e não-formal**. Institut International des Droits de L'Enfant (IDE). Sion (Suisse), 18 au 22 octobre 2005.
- HARTMANN, Luciana; FERREIRA, Taís. **Módulo 16: História da Arte-Educação 2**. Brasília: LGE Editora, 2009.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2010 – 6ª edição.
- KOUDELA, Ingrid D. **Jogos Teatrais**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1984.
- LIMA, Lauro de O. **Piaget para Principiantes**. São Paulo: Summus, 1980.
- LOPES, Aladir S. **Jogos Dramáticos - Teatro no 1º grau – Atividades**, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Plurart Ed., 1982.
- MÜLLER, Verônica R. **História de Crianças e Infâncias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. 3ª edição - São Paulo: Perspectiva, 2007.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PUPPO, Maria L. S. B. **Para Desembaraçar os Fios**.  
<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/12462>

READ, Herbert. **A Educação pela Arte**. 3ª edição. Lisboa – Portugal: Edições 70, 1956.

REVERBEL, Olga. **Teatro na Sala de Aula**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978.

\_\_\_\_\_. **Um Caminho do Teatro na Escola**. São Paulo: Editora Scipione Ltda., 1989.

ROSAMILHA, Nelson. **Psicologia do Jogo e Aprendizagem Infantil**. São Paulo: Pioneira, 1979.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

SLADE, Peter. **O Jogo Dramático Infantil**. São Paulo: Summus, 1978.

SPOLIN, Viola, **Improvisação para o Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1963.

\_\_\_\_\_. **Jogos Teatrais: o Fichário de Viola Spolin**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

\_\_\_\_\_. **O jogo teatral no livro do diretor**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

STANISLAVSKI, Constantin. **A Construção da Personagem**. 3ª edição – Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1983.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. **Cor, Som e Movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança - capítulo 4**/organizadora: Suzana Rangel Vieira da Cunha. Porto Alegre: Mediação, 2007.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. **Sobre os Sentidos das Práticas do Teatro no Meio Escolar**. GE: Educação e Arte / n.01

Sites consultados:

Dicionário - <http://www.priberam.pt/dlpo/>

Ministério da Educação e Cultura/Mec - <http://portal.mec.gov.br/>

Senado Federal - <http://www6.senado.gov.br/sicon/>

Wikipédia - <http://pt.wikipedia.org/>